



Fotografia: a escrita da luz¹

Angélica Lüersen²
Universidade Federal de Santa Maria

Resumo

A luz é essencial para a fotografia. Esse fato, por assim dizer, é fundamentalmente importante para compreender os efeitos de sentido que ela produz em cada fotografia. Fatores como a direção da fonte de luz, o tamanho, a intensidade e a qualidade interferem nos elementos básicos da fotografia, como no contraste, iluminação, no aparecimento ou ocultação de detalhes e, principalmente, na informação que ela transmite. Sendo assim, a informação, carro-chefe da fotografia jornalística, aparece nas imagens e depende das possíveis e diferentes nuances da luz utilizada. Evidencia-se, então, a participação do fotógrafo, uma vez que as imagens obtidas são frutos de uma escolha prévia. Ademais, pode-se dizer que a luz confere à imagem jornalística valores de composição subjetivos que necessitam da percepção de quem as observa.

Palavras-chave

Fotografia; luz; efeitos de sentido.

*Fotografar é – simultaneamente e numa mesma fração de segundo – reconhecer o fato em si e organizar rigorosamente as formas visuais percebidas para expressar o seu significado. É por numa mesma linha: cabeça, olho e coração.
Henri Cartier-Bresson*

A luz, em termos de linguagem, é um valor de composição fundamental para a fotografia. Assim como o pintor necessita lidar com as tintas para compor sua obra, o fotógrafo precisa da luz para registrar a imagem num plano. Entre os elementos que dão vida à fotografia, a luz tem a função de captar e registrar as nuances nas imagens em cores e as gradações de cinza nas fotografias em preto e branco; além disso, ela “dá o clima (atmosfera) de uma foto, e isso já é informação”, diz Guran (1992, p.33). A imagem é, portanto, uma relação do tema³ com a luz. Além disso, o posicionamento da câmera e a escolha do melhor local e horário podem alterar a textura, o volume, o contraste e a coloração fotográfica. As fontes de luz para a fotografia não variam

¹ Trabalho apresentado ao GT de Audiovisual, do VIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul.

² Angélica Lüersen, acadêmica do sétimo semestre do curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, na Universidade Federal de Santa Maria. Membro e pesquisadora do Grupo Imagem, sob a orientação do professor Adair Caetano Peruzzolo. E-mail: geli_jor@yahoo.com.br

³ “O tema, também chamado assunto ou motivo, configura a cena que se deseja fotografar e é composto, do ponto de vista ótico, por muitas superfícies de diferentes tons, já que elas refletem quantidades variáveis de luz” (Curso de Fotografia Planeta, 1997, v.1, fasc. 3, p.52).



diferentemente da percepção visual do olho humano⁴, isto é, a luz solar, lâmpadas elétricas, uma vela ou qualquer outra luz que nos ilumine em diferentes situações cotidianas serão fontes de luz para a fotografia (O prazer de fotografar⁵, 1981, p.40).

A percepção visual compreende-se aqui, segundo conceitos de Aumont (2004, p.22), como um processamento de informações que chegam e entram em nossos olhos através da luz, sendo isso realizado em etapas sucessivas. A informação é

codificada – em um sentido que não é o da semiologia: os códigos são, aqui, regras de transformação naturais (nem arbitrarias, nem convencionais) que determinam a atividade nervosa em função da informação contida na luz. Falar de codificação da informação visual significa, pois, que nosso sistema visual é capaz de localizar e de interpretar certas regularidades nos fenômenos luminosos que atingem nossos olhos (AUMONT, 2004, p.22).

Tais regularidades, portanto, referem-se essencialmente à intensidade da luz, seu comprimento de onda e sua distribuição no espaço.

A luz, a máquina fotográfica e as objetivas funcionam, pode-se dizer, como matéria-prima da imagem. A luz “canaliza a informação visual através da objetiva fotográfica para um material sensível”. Como sugere Langford (2003 p.42), “o uso da luz permite-nos mostrar certos aspectos de um objeto diante da máquina fotográfica e suprimir outros”. A máquina fotográfica irá apresentar variações segundo seu posicionamento em relação ao objeto fotografado. A objetiva, além de ser o canal pelo qual a informação visual passa, possibilita o trabalho de enunciação fotográfica segundo escolhas feitas na variação de abertura e clareamento da imagem. Assim, a opção por uma ou outra objetiva, do ponto em que deve ficar a câmera e tal relação do equipamento com o objeto fotografado, vai nos proporcionar diferenças na captação e na iluminação da imagem e, por consequência, diferentes efeitos de sentido possíveis em cada fotografia.

No processo fotográfico, a luz cumpre quatro requisitos: a) iluminar o tema ou a pessoa: a luz, ao incidir no ‘objeto’ fotografado, produz nele diversos efeitos de sentido; b) proporcionar informações sobre o tema, tais como textura, tamanho, forma e contorno; c) dar caráter e clima à imagem fotográfica: a luz dá relevo às qualidades do tema, sugere estados de espírito, além de fornecer ao fotógrafo a atmosfera desejada; e

⁴ Segundo Jacques Aumont (2004, p.22) “o que vivenciamos como a maior ou menor luminosidade de um objeto corresponde, na verdade, à nossa interpretação, já modificada por fatores psicológicos, da quantidade real de luz emitida por esse objeto, se for uma fonte luminosa (o sol, uma chama, uma lâmpada elétrica etc), ou refletida por ele, em todos os outros casos”.

⁵ Doravante citado como PF.



por fim, d) transmitir emoções através de uma combinação adequada e sugestiva entre luz e tema. Assim, a luz pode ser utilizada de modo natural e intencional ou mesmo ser produzida (luz artificial), sendo que sua ‘aplicação’ sobre um dado objeto influencia na imagem, que se obtém dele (Curso de Fotografia Planeta⁶, 1997, v. 1, fasc. 1, p.20).

A única fonte de luz natural é o sol. Devido a tal fonte de luz ser muito instável, muitas vezes os fotógrafos recorrem à luz artificial (como o flash, por exemplo). Porém, as variações da luz solar podem compor distintas cenas dependendo do horário escolhido para o instante fotográfico. A qualidade da luz natural é influenciada não apenas pelo horário do dia, mas pelas condições atmosféricas, pela época do ano e também pela localização geográfica.

De fato, pode-se dizer que há uma grande variedade de fontes de luz artificial que podem ser utilizadas para iluminar um objeto. O Curso Feininger de Aperfeiçoamento em Fotografia⁷ (1985, p.72) considera que há três tipos de luz artificial: ‘lâmpadas para fotografia’, ‘flash’ e ‘luz fluorescente’. A primeira delas é uma luz contínua sendo que a divisão entre os espaços de luz e sombra podem ser percebidos a olho nu; e o contraste da cena pode ser medido, no ato fotográfico, pelo fotômetro. Há, nesse caso, pouca luz, “insuficiente para diminuir as velocidades do obturador em movimentos curtos e rápidos”. O flash não é uma fonte contínua, mas possui a capacidade de ‘congelar’ o movimento realizado no instante fotografado. No entanto, o recurso do flash é geralmente utilizado quando há pouca ou nenhuma fonte de luz, e sendo esta direta e, por vezes, muito intensa, produz uma iluminação dura e evidente, como se pode perceber na fotografia “De bunda para a lua”. Nesse caso, a iluminação do flash é única, o que confere dureza e achatamento à imagem. Torna-se evidente como fonte única de luz, pois ilumina os pontos próximos enquanto deixa no escuro os mais distantes.

Outro aspecto considerável quanto a utilização do flash é “a alta definição e a dureza do flash, que tende a achatar os volumes, também pode ser um recurso de linguagem eficaz e é largamente utilizado para provocar impacto a partir da crueza da imagem” (GURAN, 1992, p.34). A luz fluorescente é contínua e praticamente não produz calor. Todavia, esta fonte de luz mostra-se branca ao olho, mas é carente de tons vermelhos. Esse fato não influencia as fotografias em preto e branco mas, nas coloridas, tal iluminação produz tons verdes – a não ser que sejam utilizados filtros adequados. Há

⁶ Doravante citado como CFP.

⁷ Doravante citado como FEININGER.



a possibilidade de utilizar tubos de iluminação para um determinado espaço. Isso produz uma iluminação mais suave, entretanto pobre em contraste (FEININGER, 1985, p. 72). Podem ainda ser consideradas fontes artificiais as velas e o fogo, entre outras fontes. Porém, no fotojornalismo, o flash constitui-se como a fonte de luz artificial mais utilizada, e prática, mas não serve tanto à estética fotográfica como velas e fogo.

Conforme Langford, a qualidade da imagem refere-se principalmente ao tipo de sombra produzida pelo objeto iluminado – dura ou suave - e depende do tamanho da fonte em relação à distância a que o objeto se encontra (2003, p.125). Tais fatores, segundo ele, alteram

o caráter dos *reflexos* provenientes de objetos brilhantes. Uma fonte de luz dura produz um pequeno reflexo luminoso. Exemplo disto é o reflexo da luz nos olhos do retratado. A luz suave produz uma iluminação difusa, que muitas vezes dilui o colorido de toda uma superfície brilhante, fazendo com que pareça menos rica (LANGFORD, 2003, p.127).

Tanto a luz natural quanto a artificial podem diferenciar-se na qualidade da imagem, ou seja, produzir uma luz dura ou suave. No primeiro caso, a luz incide diretamente no objeto e é proveniente de uma só fonte, mais compacta ou pontual, o que produz uma imagem mais contrastada e agressiva, com maior variação de tonalidades. Esse fato acentua os detalhes e as sombras nos objetos. Podemos tomar como exemplo de luz dura a de um projetor, de pequena lâmpada de flash, fósforo aceso ou mesmo o sol e a lua⁸, mesmo sendo eles fontes de luz diferenciadas em vários aspectos, como cor e intensidade, por exemplo.

O sol é a fonte de luz natural que ilumina a fotografia “De repente, a violência”. Na imagem, o sol incide diretamente no objeto de modo a revelar uma imagem mais contrastada e agressiva. Embora não haja muita gradação de cinza entre um ponto iluminado e outro não iluminado, a imagem apresenta uma modesta escala de tons em alguns pontos (na calçada, por exemplo, e um pouco na parede). Ao contrário do que ocorre na luz suave, a luz dura varia as tonalidades da fotografia de modo a realçar os detalhes e as sombras nos objetos. Deve-se levar em consideração, porém, que alguns pontos de tal imagem são ricos em detalhes, mas outros, devido à iluminação ser intensa, há carências nesse aspecto. Aqui, os contornos não são bem definidos.

⁸ Segundo Langford “o sol e a lua são enormes, mas devido à grande distância a que se encontram, constituem fontes de luz relativamente compactas no céu” (2003, p.126).

Já na luz suave⁹, há mais de uma fonte de iluminação ou, então, “uma fonte envolvente em grandes dimensões, que pode ser um céu totalmente enevoado ou a luz azul do céu com exclusão do sol, uma lâmpada ou refletor de luz de *flash* com superfície mate¹⁰, ou um grupo de tubos fluorescentes” (LANGFORD, 2003, p.126). Como a luz incidente é indireta, há gradações mais sutis na fotografia, sendo que a escala de tons é menor e há menos contrastes, as sombras não são tão intensas e há mais campos com penumbra na imagem.¹¹ Como menciona Guran (1992, p.33),

enquanto a luz direta tende a estabelecer uma hierarquia de valores a partir de si, destacando os elementos pela sua incidência, a luz difusa se derrama por igual sobre a cena, permitindo que outros fatores de valorização do conteúdo ganhem peso na composição.

Um belo exemplo para este caso é a fotografia “Circo Mambembe”. A luz, aqui, pode ser considerada suave, pois, embora próxima do tema fotografado, aparece em mais de um ponto da imagem (notam-se três pontos de iluminação) e é suavizado por outro elemento da cena: a lona. Como são diversos pontos de iluminação, as sombras projetadas na lona conduzem a um efeito de sentido de magia, encantamento, uma atmosfera mais bucólica. A luz nesta imagem cria um envolvimento distinto, seja pelas suas gradações mais sutis, notadas tanto na lona como nos elementos externos a ela; pela penumbra ou por sombras pouco intensas e sobrepostas, que deixam as imagens projetadas pouco definidas e contrastadas. Para Guran (1992), produzida sob iluminação suave, conduz o observador a ter mais facilmente os mesmos sentimentos daquele que olha a imagem natural, exatamente pelo efeito bucólico proporcionado pela iluminação.

O contraste na fotografia é uma relação entre a luz, que recai nas partes iluminadas, e a luz das partes sombreadas do objeto. O que ocorre é que

a película fotográfica (e os sensores CCD nas máquinas digitais) não tem possibilidade de registrar uma escala tão vasta de valores de iluminação como os olhos. Isso quer dizer que, por vezes, quando se expõe para obter pormenores nas zonas mais claras, as sombras ficam incaracterísticas, embora ainda possam ver-se alguns pormenores (LANGFORD, 2003, p.127).

⁹ A luz suave é aqui considerada como equivalente à difusa segundo classificação de autores como LANGFORD (2003) e GURAN (1992), também no livro: ‘o prazer em fotografar’. Alguns autores, no entanto, compreendem a luz suave diferentemente da difusa.

¹⁰ A saber, opaca.

¹¹ Outras informações sobre luz dura ou suave podem ser encontradas nas próprias fontes utilizadas aqui: O PRAZER DE FOTOGRAFAR, 1981, p. 58, Curso de Fotografia Planeta, v.1, fasc.1, p. 4; fasc.3, p.65 e no fasc.2, p.41 a 46.

É possível verificar, em fotografias em preto e branco, a diferença entre contrastes bem acentuados ou menos acentuados. Na imagem intitulada “De volta ao inferno” há uma considerável variedade de tons cinzentos em detrimento de pontos totalmente brancos ou pretos. Embora a iluminação de tal fotografia seja lateral, o que produz grandes zonas de sombra, os tons de cinza deixam a imagem mais amena, sem um contraste mais evidente ou marcado. Já na fotografia “De repente, a violência”, o contraste é bem característico, ou seja, é perceptível a diferença entre pontos iluminados ou não iluminados, sendo que quase não há aumento ou diminuição gradual de tons.

Em “Greve dos Bancários” o contraste parece bem marcado, porém, há pouca possibilidade de perceber os detalhes do primeiro plano. Isso ocorre, geralmente, quando a iluminação é lateral ou superior, pois embora o objeto iluminado apareça com textura e forma, há grandes zonas de sombra. São tais sombras que podem, e geralmente o fazem, omitir detalhes. Para corrigir tal fato é possível, no entanto, realizar o enchimento de sombra. Entende-se por enchimento de sombra, dispor um refletor no lado sombrio do objeto e deixar que a luz principal sirva como uma iluminação difusa. Para objetos pequenos ou retratos, uma simples folha branca de papel pode funcionar de tal modo, assim como um tecido ou parede branca. Já para grandes dimensões de iluminação, faz-se necessário que as nuvens iluminem ou mesmo o sol torne-se mais difuso.

A iluminação que determina a gradação entre luzes e sombras pode ser visualizada nas cores das imagens coloridas. A cor da luz varia de acordo com o horário de exposição. A coloração geral na fotografia chama-se dominante de cor. Pode-se dizer que as cores induzidas pela luz são quentes (alaranjadas) ou frias (azuladas). Nas dominantes azuladas, são transmitidas sensações relacionadas ao frio, umidade e situações não tanto festivas. Essas fotografias são, geralmente, feitas em dias nublados, em sombras ou paisagens nevadas. As dominantes amarelas ou alaranjadas produzem sensações mais prazerosas e agradáveis, ligadas ao calor. A coloração quente remete ao verão, calidez, ao aspecto saudável de uma pessoa, como é o caso da fotografia “Triste brincadeira”, apesar da denominação ‘triste’. Nos ambientes externos, a luz natural com tal dominante aparece ao amanhecer e entardecer, como menciona o CFP (v.1, fasc.1, p.20). No entanto, nota-se que mesmo durante a noite - com luz artificial - podem ser feitas fotografias com dominante de cor quente, como bem exemplifica a imagem “Circo Mambembe”. Nessa fotografia, os tons amarelos a vermelhos nos permitem criar

efeitos de sentidos relacionados à sensação de prazer, calor, proximidade ou afetividade, enfim, remetendo a uma situação agradável.

A direção da luz também influencia no resultado final da imagem capturada. Seja a partir da luz natural (sol) ou artificial, “a direção da fonte de luz determina onde será projetada a luz e a sombra do objeto, o que afeta o aspecto da textura e o volume (forma)” (LANGFORD, 2003, p.127). Como há uma extensa variação em altura e posição da fonte luminosa em relação ao objeto, Langford mostra-nos a possibilidade de ‘manipularmos’ a direção da fonte segundo a necessidade, ou, no caso de fonte fixa, a possibilidade de deslocar o objeto ou mesmo aguardar o melhor horário para a captura da imagem fotográfica (2003, p.127). Ademais, a luz pode incidir no objeto fotografado de modo frontal, lateral, superior ou zenital, inferior e posterior ou contraluz.

No primeiro caso, quando a luz recai a partir da mesma direção do eixo da tomada (pela frente), o objeto fica uniformemente iluminado e as cores apresentam-se com aspecto mais natural. O fotógrafo, em tal circunstância, está de costas para a fonte iluminadora. No entanto, com tal iluminação, as sombras são pequenas ou não aparecem no motivo fotografado e, nesse caso, são projetadas para trás dele. Como elas conduzem à sensação de profundidade e volume, a imagem que recebe luz frontal carece desse quesito. Assim, a forma fica achatada e há pouca textura, como se percebe na fotografia “Tucano com asa de anjo”. O achatamento da imagem e a falta de volume permitem maior subjetividade da cena. Além do mais, nesse caso a subjetividade é percebida pela iluminação do ambiente – principalmente frontal - pois caso não houvesse cuidado, o fundo poderia ficar escurecido e assim, sem informação.

A luz lateral, por sua vez, é capaz de realçar as texturas das superfícies voltadas para a máquina e produzir a impressão de volume. A incidência da luz por um dos lados do objeto fotografado conduz à sensação de tridimensionalidade e relevo da imagem. Na imagem “Lula lá” pode-se dizer que a iluminação está entre superior e lateral esquerda (partindo do ponto da câmera), num ângulo de 45° aproximadamente. A iluminação recai de modo ameno, com características mais da iluminação lateral que superior, pois não há tanto contraste (característico de iluminação superior) e há certa produção de volume - perceptível no ponto entre a perna esquerda do personagem e a parede – o que é característico da iluminação lateral. As zonas que apresentam sombra são pequenas e de pouco contraste, apenas conferem maior sensação de tridimensionalidade à imagem.



A luz superior (como o sol do meio dia) cria sombras mais fortes e agressivas e é a mais comum na vida cotidiana. Essa iluminação, porém, é a menos recomendada no campo fotográfico, pois elimina a concretude e o relevo do objeto. A luz incidente na fotografia intitulada “De repente, a violência” é proveniente de uma fonte superior e natural, ou seja, o sol. Isso é perceptível pela iluminação de alguns pontos na fotografia, no caso, o cabelo (na parte superior), a parte superior dos sapatos, as mãos, enfim, pela iluminação de todos os pontos que estão voltados para cima. Outro aspecto destacável é a produção de sombras nas zonas inferiores. A imagem que recebe luz superior tem sombras mais fortes conferindo à cena certa agressividade e contraste acentuado. Porém, como a luz superior (do sol a pino) é intensa, há achatamento e poucas gradações de cinza nas zonas mais iluminadas. O relevo, nesse caso, é produzido apenas nos pontos em que a iluminação recai de forma mais amena. Como um dos personagens (o que nos dá a idéia de que sofre a agressão) está quase que totalmente na sombra, exceto mão e perna, há o efeito de sentido de universalidade, ou seja, há a possibilidade de aquele, que observa a fotografia, assumir de forma simbólica esse lugar na imagem. Isso porque a sombra faz com que não apareçam detalhes do rosto e roupa e, quanto menos detalhes são mostrados, mais possível fica de assumir mentalmente esse papel na cena.

A luz inferior é menos utilizada na fotografia corriqueira, porém, em estúdios e ‘naturezas mortas’ tem grande importância. Esse tipo de iluminação “tende a produzir um efeito macabro, dramático e até ameaçador” (LANGFORD, 2003, p.127). Um feito mais subjetivo pode ser encontrado na contraluz, pois, se forte, cria uma silhueta com contrastes muito acentuados, sendo difícil de identificar detalhes dos personagens ou objetos. Quando mais amena a luz posterior (como também é conhecida) produz tonalidades apenas ligeiramente mais escuras do que o normal. Tal iluminação pode acentuar um recorte, e também produzir bom contorno à forma, porém, há menos relevo nas formas, e os detalhes ficam menos evidentes nas sombras (LANGFORD, 2003, p.127). No caso de contraluz suave, a luz pode ser equilibrada se incidir também pelas laterais e frente do objeto. O fotojornalismo não utiliza tanto esse tipo de iluminação, mas ela, por vezes, é escolhida pelos fotógrafos para conferir à fotografia certos efeitos de sentido.

Além da variação de angulação e intensidade, o tamanho da fonte de luz determina a imagem final. Para classificar segundo tal ordem, considera-se o tamanho da fonte e a distância do tema fotografado. As dimensões podem ser pequena, média ou

grande, sendo a sombra um instrumento capaz de ser um indicador do tamanho da fonte luminosa. Isto quer dizer que sombras com contornos bem definidos indicam pequena fonte de luz; se os contornos são mais suaves há fonte média e no caso de ausência de sombras o tamanho da fonte é grande (CFP, v.1, fasc.5, p.113).

O sol, flashes e lâmpadas são todas pequenas fontes de luz, pois produzem sombras intensas e bem definidas, com luz dura. Com tal iluminação nota-se grande diferença entre pontos iluminados e sombreados – que influenciam nos poucos matizes – a saber, meios tons - de fotografias em preto e branco e tonalidades coloridas nas imagens em cor. A fonte pequena de luz produz brilho intenso, embora pequeno, e também detalhes e texturas mais destacados. Essa se caracteriza pela mais habitual fonte de luz, sendo que a iluminação dura faz com que as cores surjam mais saturadas e que as sombras realcem o objeto fotografado (CFP, v.1, fasc.5, p.113 a 118 e FISTAROL, 2004, p.37).

A imagem “De repente, a violência” demonstra fonte pequena de luz. Isso porque, a fonte pequena de luz – proporcionada aqui pela iluminação solar - produz sombras bem definidas e, assim, grande diferença entre os pontos iluminados e sombreados, exatamente como percebemos na mão de um dos personagens - mão totalmente branca e o vestuário totalmente preto – assim como em outros pontos da imagem. O brilho intenso nos pontos brancos da imagem é típico da pequena fonte de luz. Do mesmo modo, essa iluminação proporciona detalhes e texturas mais destacados como é possível notar na calça do terceiro componente da imagem (da direita para a esquerda), exatamente na altura do joelho. O grande contraste aqui destacado como típico da fonte pequena confere agressividade e certa violência à cena. Assim, além da imagem conduzir à idéia de ação ou efeito de agredir, portanto, uma carga já negativa, a quase ausência de tons de cinza na fotografia conferem à imagem um peso considerável na construção dos valores negativos, ou seja, na imediata condução do leitor a uma informação de violência da cena.

Fontes médias de luz produzem sombra e contorno suaves, além de uma direção perceptível, mas pouco marcada. Nesse caso, a projeção da sombra dos objetos possui menor evidência do que com fonte pequena de luz. Como a sombra é suave e a iluminação progressiva, os relevos são realçados sem que o contraste seja agressivo. A fonte média tem aproximadamente o mesmo tamanho do objeto e, no caso da luz solar, ela não deve incidir diretamente no objeto, mas ser rebatida ou espalhada pelo ambiente, caso contrário, não será fonte média de luz. Há aqui, tal qualidade de iluminação capaz



de proporcionar boa modelação do objeto (tema), regular saturação de cor e de brilho que serão vivos, porém não intensos em excesso, como se nota na imagem “Triste brincadeira”.

Se dividirmos tal imagem em planos¹², podemos afirmar que no primeiro deles as características se mostram exatamente como as de fontes médias de luz, isto é, há sombras não muito contrastadas, relevos realçados e brilho não intenso. Isso muda se olharmos para o plano profundo aonde os elementos são tão iluminados pelo sol que há muito brilho e pouca definição. A pouca definição também se explica pela objetiva (tele, que aproxima algumas partes do todo observado) e pelo ajuste de foco – para o primeiro plano. Todos esses tópicos (lente, foco, iluminação) dão destaque para o primeiro plano, enfatizando o personagem. Nesse caso, se a fonte de luz fosse pequena e os contrastes bem acentuados remeteria ao efeito de sentido de agressividade e violência. Assim, com fonte média, a luz é menos intensa, há destaque para o personagem sem conferir-lhe negatividade. Chama-se atenção para o fato enquanto fato propriamente. Ademais, as cores apresentadas com fonte média de luz, são produzidas de maneira harmoniosa e com maior capacidade de retratar com perfeição suas sutilezas. Nos interiores, a fonte média de luz permite mostrar a textura e o volume do objeto sem exagerar no contraste. Em exteriores ela é menos comum, mas pode ser encontrada em dias de sol com pouca neblina e sombras mais claras (CFP, v.1, fasc.6, p.137 a 142 e FISTAROL, 2004, p.38).

A luz intensa e próxima em relação ao tema é característico de fonte grande. Ela cobre o objeto por inteiro e faz com que a luz chegue até ele por todas as direções, isto é, há pouca ou nenhuma sombra. A fotografia feita com tal fonte de luz pode ficar com aspecto achatado, sem volume ou contraste (FISTAROL, 2004, p.39). Essa iluminação aparece na fotografia “Tucano com asa de anjo”, pois se nota que há uma certa naturalidade e suavidade na cena fotografada exatamente pela iluminação escolhida. Na imagem, a fonte de luz artificial e principal vem acompanhada do uso de flash como preenchimento. A utilização de mais de uma fonte de luz faz com que a cena fique iluminada por inteiro e, assim, com pouca sombra. O achatamento e a falta de relevo provocados pela iluminação frontal do flash aproximam o personagem do fundo da imagem. Isso e também a postura do personagem fazem com que a auréola – desenhada no fundo - pareça imediatamente junto dele, conferindo a imagem um efeito de sentido

¹² Os planos serão abordados em trabalho posterior.



angelical. A escolha do ângulo da tomada fotográfica também contribui para a carga de subjetividade da cena¹³.

Por fim, a luz é, de fato, um valor de composição fundamental para a imagem fotográfica. Tanto no fotojornalismo quanto na fotografia artística, a luz confere informação, pois indica volumes, texturas, formas e cores. Sabe-se, portanto, que a subjetividade de cada imagem, bem como a informação que ela traz é resultado de escolhas feitas (conscientemente ou não) pelo fotógrafo. Fatores como o tamanho da fonte de luz, a direção que incide, além de contraste e intensidade, são determinantes quanto aos efeitos de sentido produzidos pela iluminação. Os efeitos são perceptíveis ao observador não apenas pela luz utilizada em cada imagem, mas também por elementos como composição, enquadramento e cores, por exemplo, sendo que cada um deles produz um determinado sentido e, o todo, visualizado na imagem, é a soma de todos eles num fim maior que é a informação (ou representação parcial e subjetiva da realidade).

¹³ Embora a imagem seja tão subjetiva a ponto de parecer tratada no photoshop, nota-se que é apenas a iluminação e a escolha do ângulo de tomada que lhe conferem essa característica. Imediatamente próximo ao ombro esquerdo do personagem há elementos que podem demonstrar o não-tratamento da imagem.



Referências Bibliográficas

AUMONT, Jacques. **A imagem**. 8ªed. São Paulo: Papyrus, 1993.

CURSO DE FOTOGRAFIA PLANETA, Editorial Planeta DeAgostini, S.A, 1º vol., fascículos 1 -6, 1997.

CURSO FEININGER DE APERFEIÇOAMENTO EM FOTOGRAFIA. s/d. Editora Ediouro, 1985.

EDITORA ABRIL CULTURAL. Eastman Kodak Company. **O Prazer de fotografar**, 2ª ed. São Paulo, 1981.

FISTAROL, Eliane. **Fotografia: Técnica e Linguagem**. Chapecó: Argos, 2004. (Série Comunicação & Artes, 01)

GURAN, Milton. **Linguagem fotográfica e informação**. Rio de Janeiro: Rio Fundo Editora, 1992.

LANGFORD, Michael. **Fotografia Básica**. 5ª ed. Lisboa: Dinalivro, 2003.

LIMA, Ivan. **A fotografia é a sua linguagem**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1988.



Apêndice



“De bunda para a lua”



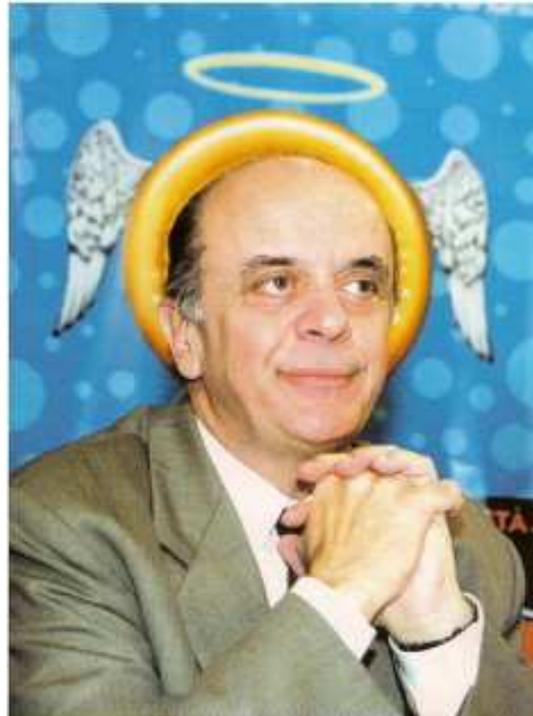
“De repente, a violência”



“Circo Mambembe”



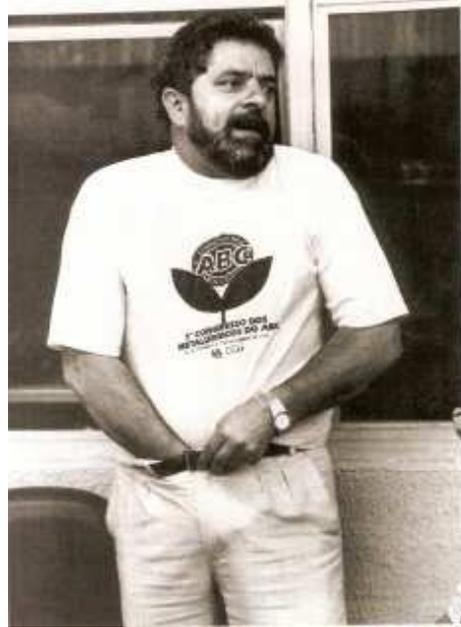
“De volta ao Inferno”



“Tucano com asa de anjo”



“Greve dos Bancários”



“Lula lá”



“Triste Brincadeira”